

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Officina Typographica
Rua de S. Paulo 216

Sexta-feira 1 de setembro de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
Provincias, 6 mezes 600 .
Numero avulso 60 .
Anuncios preço convencional

SUMMARIO

Tiro Nacional, por ANSELMO DE SOUZA. — Garrett e as freiras de Santa Clara, por ZACHARIAS D'ACA. — Caçadas reaes, por . . . — União dos Atiradores Civis Portuguezes, balancezes mensaes. — A lei de caça, representação da Associação protectora de caça. — A proposito da lei de caça, por José MENDES GOUVEIA. — Associação dos Caçadores Portuguezes, acta da direcção. — Canil. — Club dos Caçadores do Porto. — D. Hercilia Muaze, por PEDAL CHICO. — Velocipedia, chronica, por MAGALHÃES FONSECA. — Porto, por PEDAL CHICO. — Sport Club do Pará, por CYCLAMOUR. — Um cyclistta infeliz, por M. F. — Excursão a Alemquer da Academia dos Estudos Livres, por J. G. — Conselheiro Eduardo Montufar Barreiros. — A Caça. — A morte de Léo. — Annuuncios.

GRAVURAS

D. Hercilia Muaze. — Illustrações cyclistas.

Tiro Nacional

Como é natural diminuiu a concorrência á carreira depois do ultimo concurso official, e a *União* está no seu periodo de descanso, que termina no fim do corrente mez, recomençando os seus trabalhos em outubro.

Approxima-se o periodo de actividade; os corpos gerentes da *União* elaboram o seu programma para a época de 1899 a 1900, e, bom será que o façam aproveitando a experiencia do periodo anterior, emendando, remodelando e fazendo as innovações, que o seu bom criterio lhe aconselhar. Para obter os resultados praticos, que todos desejamos, deverá estabelecer tudo quanto se lhe afigure conveniente para o conseguir, buscando atrahir á carreira maior concorrência e dando o maior luzimento possivel ás festas de tiro.

A *União*, hoje, não é um agrupamento de individuos, mais ou menos dedicados ao tiro nacional; hoje, é uma instituição official, considerada patriótica pelos fins altruistas a que se propõe. A prova do que afirmamos, é o privilegio que possui da isenção do porte do correio na sua correspondência, privilegio, que só outra sociedade, tambem patriótica e benemerita, possui — a Sociedade da Cruz Vermelha.

Compenetrando-se da missão e das responsabilidades que lhe cabem; contando, como conta, com o decidido apoio do Chefe do Estado, um atirador de *élite*, — o nosso primeiro atirador —; certa no mais franco apoio do illustre ministro da guerra e de todos os mais membros do governo; tendo, incontestavelmente, por si a opinião publica, assiste-lhe o direito e o

dever de entrar, franca e desassombradamente, no campo de acção que a si propria se impoz, fazendo um programma largo, sem tibiezas e sem se preocupar com pequenos incidentes, que só têm o merecimento de inutilisar a sua benefica acção.

Na constituição dos seus corpos gerentes possui profissionaes dos mais distinctos que nós temos no exercito; todos os militares que ali occupam um logar, por eleição, são de molde a não deixar duvidas nem receios a ninguem, sobre a sua competencia em assumptos de educação de tiro; por isso, repetimos, affigura-se-nos

LITTERATURA

Garrett e as freiras de Santa Clara

Pergunta-me o meu bom amigo Anselmo de Sousa, se conheço estes versos. Não affirmo tel os visto — nem o contrario. Quem se pode gabar de conhecer todas as obras — as grandes e as pequenas — d'um escriptor como este? E d'ahi quantas permanecerão ineditas ou quasi sepultadas em pequenos jornaes — folhas d'ocasião, que só os bibliomanos possuem?

Que o auctor do *Fr. Luis de Sousa* tratou de perto as devotas e formosas freiras de Santa Clara, de Villa do Conde, é certo. Dil-o Gomes de Amorim na sua grande biographia: «Em Villa do Conde, alguns parentes afastados festejaram o moço poeta, e como tal o apresentaram ás devotas e formosas freiras do Convento de Santa Clara. As madres adoravam os versos, e, sobretudo, os auctores, quando estes eram moços, bem parecidos, elegantes e sympathicos. Mandaram-n-o entrar na igreja, para elle as ver, e ellas o verem e lhe tocarem orgão, enquanto lhe preparavam um chá. Pareceu singular ao nosso estudante que lhe quizessem dar chá áquella hora, que eram tres da tarde. Como acabava de jantar, resolveu que o tomaria, para não parecer desagradecido.»

O que o tal chá era, viu-o elle na sala do locutorio. Uma visão paradisiaca para um guloso — que não tivesse, como elle, acabado de jantar! Mas no fim de contas um verdadeiro supplicio de Tantalos?

De tal aperto salvaram-n'o a poesia... e o queijo!... Entreteve as donzellas sagradas com os encantos e primores da sua musa, então na efflorescencia da primavera, e pediu a um amigo dedicado que, a todo o custo, lhe trouxesse um pedaço d'aquelle appetivo. E com estas duas receitas se desentalou — satisfazendo as freiras e o appetite! O grande poeta parece ter sido tambem grande guloso. Não o censuremos por isso. O doce nunca amargou.

Mas d'este *three o'clock tea* no locutorio de Santa Clara, com acompanhamento do orgão e das deliciosas vozes das amáveis filhas do Senhor, scena tam caracteristica da época, e que, a nós, nos apparece revestida com o encantador e vago colorido das coisas passadas — d'este



D. Hercilia Muaze

Joven e gentil cyclista portuense

que o futuro anno d'instrucção será fecundo e dos mais brilhantes resultados para o fim, a que do coração nos temos votado — a defeza da integridade do sagrado solo da patria.

Que a *União dos Atiradores Civis Portuguezes* cumpra a sua patriótica missão.

ANSELMO DE SOUSA.

episodio da vida freiratica da nossa terra aos versos; em questão vae uma distancia enorme, a distancia que sempre vae do favor recebido á ingratidão com que, ás vezes, se paga!

E d'ahi, como tudo é possível, e os dias, se se succedem, não se assemelham, e, *si souvent femme varie*, os poetas não variam menos as imagens, que trazem no altar do seu coração, pode muito bem ser que aquellas doçuras espirituaes e temporaes viessem acabar nestes desabafos da musa enfastiada do freiratico amador.

De quem a culpa? Como dos primores da primeira visita se chegou aos agravos de tão prosaicas, intimas, e talvez calumniosas indiscrições?! Gomes d'Amorim deixa-nos entrever alguma coisa, mas não desvenda de todo o mysterio. «Depois de ter visitado todos os lindissimos arredores, de ter repetido as idas ao Convento, e de ter talvez feito andar á roda a cabeça de alguma terna freirinha, partiu o nosso estudante para a Povoia.» — diz elle; e assim acaba a sua narrativa, e acabou o poeta o seu idyllo — se idyllo houve.

A proposito do queijo é que elle contava com o seu estylo vivo, e colorido, como fóra aquella primeira entrevista com as freirinhas, mas o que se lhe seguiu, o resto do romance, esse guardou o consigo...

Finalmente — são ou não são d'elle estas redondilhas facetas?

As freiras de Santa Clara
Todas tem a fralda rota:
Só a senhora abbadessa
Tem uma, feita de estopa!

As freiras de Santa Clara,
Quando não rezam no côro,
Dizem umas para as outras:
— Ah! se me não caso, morro!

As freiras de Santa Clara,
Quando não rezam o terço,
Dizem umas para as outras:
— Ah! se não caso, endoideço!

Examinado o estylo, o metal do verso, as rimas consoantes, o assumpto, o logar, e o tom, entre magano e gracioso, das tres quadras, inclino-me a que sejam d'elle; e, ouvidos os meus desembargadores da *Mesa Censoria*, sou de parecer que podem imprimir-se, publicar-se e correr, salvo melhor opinião de auctoridade mais competente — em materia celeste e terrestre — nos dominios da poesia garrattiana.

ZACHARIAS D'ÁÇA.

25 agosto 99.

Caçadas reaes

Quem passa? El-Rei que vae á caça.

Que os papagaios o digam por largos annos; e o vejamos.

Nada ganhamos em mudar de ídolos — que facilmente tombam dos pés de barro que assentam os eleitos da voluvel turba — nem tão pouco em os tornar mais accessiveis.

E não veja eu outro.

Possue o actual dotes para tornal-o o primeiro na caça, ainda quando fosse a escolha que lhe desse o logar que a sorte lhe deparou na terra.

Sem lisonja, nem favor, podíamos proclamal-o Rei dos caçadores, jurando-o sobre as espingardas.

E' dextro sem igual na presteza do tiro, quer a chumbo, quer á bala; á caça parada, em movimento, saltando prevista ou inesperada; sereno e firme, demorado ou rapido, conformé é preciso, tem sentimento

exacto e julgamento prompto no puxar do gatilho.

Que mais querem no tiro? Estylo? Tem-n'o correcto, simples, natural, sem exorço apparente: a arte, enfim.

Possue a paixão que o vigor do corpo habilita a exercer sem custo.

Nem lhe falta a phantasia, attributo essencial do caçador, a trasbordar, ás vezes, em palavras mal comprehendidas dos profanos.

A abundante caça dos seus parques, a que busca livre, fóra; as boas armas, os apurados cães, — que poderia ter —; o muito que tem visto e sabe em tudo que á caça prende, são outros tantos elementos a tornar merecido o superior logar na classe.

Só partidarios da egualdade em tudo, a nivelar todos na mediocridade, poderão repudial-o chefe.

E bom rei na caça deve-o ser egualmente no mais. Ganha ali qualidades para isso. Medindo-se com inimigos que não se confessam vencidos por lisonja ou interesse e só cæm ao seu verdadeiro exorço; competindo com rivaes que francamente lhe disputam glorias, fóra a consciencia do que na realidade vale.

O espectaculo da natureza fal-o aquilatar melhor as demais grandezas.

Mostra-lhe serem mais de cada um e de mais valor esses espaços que a vista abrange e a meditação alarga do que as fortunas que o azar lhe deu; vê felicidades mais puras e de melhor partilha, ao ar livre dos campos, e á claridade do ceo que as oppressoras na atmosphaera das allumiadas salas.

Tendo alma, adquirirá, n'esta maior expansão da vida, melhor comprehensão dos homens, superioridade para os julgar, desprezando pequenezas, e ganhará valor para os afrontar.

As caçadas são descanso de outras luctas a retemperal-o na serenidade. Esváem-se no fumo dos tiros desgostos e zangas por ventura mais resistentes. Até o sangue indefeço que se derrama parece dar bondade: bondade christã, de perdoar offensas e agravos, de dar por caridade o que se possue, de trazer a paz por lemna, com horror ao sangue — a não ser na caça. Com esta bondade, e a mais generosos, lhanos, e de extrema delicadeza nas maneiras, na vida que atraz me fica, a mostrar-me o rapido cair do grão de areia e a prompta passagem das ephemeras grandezas, conto eu já cinco!

Querem-nos com mais qualidades? Melhores só o primeiro das rãs, o da fabula.

Á bondade de um, ou mais á justiça, — qualidade para mim ainda superior, e n'elles tambem, não falha —, reconsiderando em zanga que indevidamente tivera para commigo, devi eu, talvez, o tomar parte nas caçadas que recordo hoje.

Duplo prazer sufficiente para desvanecer o ressentimento do injusto agravo que ainda tivesse. Mas a verdade é que, mesmo na occasião, um feliz tiro, porque de caça se tratava, o dissipára todo; não esquecendo eu a espontanea reparação.

Fôra o caso que eu quizera aproveitar o dia 20 de janeiro de 1870 ás narcejas, na Apostiça, no caminho para aquellas caçadas em Calhariz, já por mim descriptas.

Chamava eu aproveitar o dia safr da quente cama, mal rompendo o sol, a noute mal dormida no cuidado de acordar a horas, ou de qualquer circumstancia imprevisita me não prejudicar a caçada. E, no catraio, fallado de vespera, atravessar o Tejo, debaixo do nordeste, frio de fazer

tremulo o queixo e rijo de adornar o barco, no arrebol da madrugada, parecendo os navios, na torvelina corrente, tenebrosos promontorios, e perigosos escolhos as encachoadas boias, em que se esperguicavam impassiveis gaivotas, mal se vendo distantes as esperançosas embrumadas margens; isto quando denso nevoeiro encobrimdo-as de todo me não deixava horas e horas sem rumo.

E depois dos baldões da vaga, toca para a frente, na alimaria de alquilé — n'aquelle dia, por acaso, um bom cavallo — a choito e a travado por aquellos caminhos de areia fóra, para chegar aonde? A pantanos em que me enterrava até á cintura, e d'onde ao cabo do dia, mal comido, mas bem encharcado e estafado, recolhia, pelo mesmo caminho, as trevas a augmentar em vez de claridades, trazendo meia duzia de passaritos na rêde, todo ufano da victoria!

Cheio de esperanças de boa caçada fa n'aquelle occasião. O meu caçador, o João Gallego, em tudo via bons prenuncios: o fumo das fabricas do Caramujo e da Piedade mostrando predominar o nordeste, o cortante frio a augmentar e limpo o ceu de nuvens. Esporas aos cavallos e ala! e Corroios com a sua mais fria e humida varzea, os monotonos pinheirais, a triste alagôa do Marquinho a reflectil-os, tudo a ficar para traz: e cruzando as ajoçadas caretas das fachinas, puxadas pelos pesados bois, e os cavallos carregados de peixe de Cezimbra, seguidos dos arrieiros, «Salve-os Deus», mal lhes fallando, lá iam para deante, anciosos da chegada.

Mas, oh! tristeza! oh! raiva! Ouviam-se, n'aquelle dia, tiros na direcção da lagoa. Soubemos, pelo guarda, que era El-Rei que andava á caça. Seria aos patos? Até algum espantado nos passaria a tiro. Melhor. Já via vantagem onde só previra males.

Descemos, caçando, o valle, o da Apostiça, que leva as aguas á lagoa, a de Albufeira, descuidosos já. Corria-me propicia a caçada; realisavam-se os vaticinios. Em pouco tempo tinha cinco narcejas em poucos tiros; e o João Gallego repetia o seu adulator conceito: «O senhor Induardo axertando os primeiros tiros é uma espingarda muito xerta»; conceito que n'outras occasiões, errando eu, completava: «mas em os errando não *bê* boia». E era a pura verdade. N'aquelle instante fa eu na esteira da primeira parte do aphorismo de vento em poupa, quando, de repente, encalhei. Via na minha frente desembarcarem da lagoa e formarem em linha, de lez a lez do valle, pelos combros dos arrozaes, umas doze espingardas: El-Rei no centro, e aos lados: o medico, M. F., galhardo ainda hoje apezar dos seus já não muito verdes annos, o secretario, K., e outros. Parei a um lado para os deixar passar, tirando ainda esperanças da caçada melhor, para mim e para elles, nas narcejas que mutuamente nos mandassemos, quando, ao andar de novo, uma voz, com o entono que o inferior investido no mando sabe tornar mais arrogante, me gritou «Venha fallar a Sua Magestade». Fui. Zangado, muito zangado a vêr-se na côr da cara, mas da zanga que a gente bem creada sabe moderar, perguntou-me El-Rei: «Como se acha o B... a caçar aqui?» «Como qualquer» respondi: resposta que o embargo da surpresa fizera curta, e o acaso feliz.

Ora qualquer de nós, n'aquelle terreno aberto e não cultivado, tinha equal direito de caçar, mas eu sempre tinha a meu favor ser convidado dos seus donos, os D. de P. Soube-o El-Rei, depois, e maior razão

me deu; mas, ali, só a delicadeza o fez reflectir para nada dizer e convidar-me, até, a acompanhá-lo. Não acceitei e retirei-me.

Mas quando o fazia, uma bemvinda narceja, no seu arvevesado vôo e beijocado chio, veio proporcionar-me o prazer dos Deuses! Correu a linha, errada de varios tiros, caindo ao meu! um tiro largo, de passagem. Era um verdadeiro bigode real!

A meia duzia de narcejas, que esta completava, mandei-a entregar, pelo João Gallego, mais triumphante do que eu, ao caçador que exercia igual logar junto a El-Rei, o Villar.

Para mim, acabára a caçada, e, seguindo para Calhariz, ouvia, ainda a distancia, os tiros, tiros que sube, depois, terem sido esteiros de narcejas.

Passados dias era convidado para uma festa intima nas Necessidades.

Agradeceram-me El-Rei e a Condessa, as narcejas, que me atrevi a dizer receava estivessem amargas, e era-me explicada a zanga como causada pelos inglezes, os da esquadra, que matavam tudo! O que era verdade, como attestavam a menos e mais espantada caça, e os vazios cartuchos semeados.

Pouco tempo depois convidava-me El-Rei D. Luiz para uma caçada.

Aquelle episodio passára-se com o sr. D. Fernando.

(Continúa.)

TIRO

União dos Atiradores Civis Portuguezes

PARTE OFFICIAL

Balancetes mensaes

Junho	
DESPEZA	
Saldo do mez de Maio...	4\$937
Importancia liquida de beneficio.....	284\$260
Idem de quotas n'este mez.....	30\$000
Idem de distinctivos officiaes, 83.....	49\$800
Idem ditos simples, 21.....	2\$100
Idem de 500 cartuchos recebidos do ministerio da guerra.....	15\$000
	386\$097
RECEITA	
Pago 1830 cartuchos para instrucção de alumnos.....	54\$800
Idem premios para o concurso officiaes.....	111\$540
Idem ornamentação da carreira de tiro para o concurso.....	42\$675
Idem distinctivos para os socios.....	33\$720
Idem photographura da medalha de campeonato.....	1\$500
Idem por uma prensa, sinete e uma medalha.....	4\$560
Idem diversas.....	7\$000
Idem percentagem ao cobrador.....	5\$850
Saldo que passa a Julho.....	261\$645
	124\$452
	386\$097

Lisboa 30 de Junho de 1899.

O Secretario servindo de thesoureiro

EDUARDO DE NORONHA

Julho

RECEITA	
Saldo do mez de junho...	124\$452
Importancia de quotas n'este mez.....	29\$400
Idem de distinctivos.....	3\$000
	156\$852

DESPEZA	
Pago 10 tiros a um socio. Idem percentagem ao cobrador.....	\$250
Idem diversas.....	2\$985
Saldo que passa a Agosto.....	4\$490
	7\$725
	149\$127
	156\$852

Lisboa 31 de Julho de 1899.

O Secretario servindo de thesoureiro

EDUARDO DE NORONHA

Agosto

RECEITA	
Saldo do mez de julho..	149\$127
Importancia de quotas n'este mez.....	32\$100
Idem de distinctivos.....	3\$000
	184\$227

DESPEZA	
Importancia da percentagem ao cobrador.....	2\$835
Idem de diversos.....	\$500
Saldo que passa a Setembro.....	180\$892
	184\$227

Lisboa 31 de Agosto de 1899.

O Secretario servindo de thesoureiro

EDUARDO DE NORONHA

CAÇA

A lei de caça

Representação da «Associação protectora de caça em tempo defezo» apresentada á camara dos srs. deputados pelo sr. dr. Tavares Festas

Senhores. — Os abaixo assignados, membros da direcção e conselho fiscal da associação protectora de caça em tempo defezo, sociedade legalmente constituída, depois de haverem colhido, por escripto, as opiniões dos seus consocios, e bem assim as de muitos outros caçadores e associações de caçadores, respeitosamente, vem perante os srs. deputados da nação, representar contra o projecto de lei de caça, apresentado ha dias á camara.

Não os movem paixões nem opiniões preconcebidas; impelle-os apenas um dever, que a todos cumpre respeitar — o interesse geral.

Senhores deputados da nação, com todo o respeito que vos é devido, mas com toda a energia que nos dá a justiça da nossa causa, vimos pugnar pelos nossos legitimos interesses e pelas nossas liberdades, tão profundamente ameaçadas no projecto a que nos referimos.

Assim, ousámos crer que a nossa representação ha de ser tida na consideração que a nossa justiça impõe.

Promulgar leis de excepção e de exclusivismo odioso, arrancando para simples divertimento de alguns aquillo que é regalia para todos, e meio de subsistencia para muitos, é regressar ao tempo do feudalismo.

Senhores deputados da nação, quando em paizes onde a liberdade tem bem maiores restricções, do que no nosso, vemos os parlamentos recusar projectos da mesma natureza restrictivos, não podemos deixar de pensar que o mesmo destino tenha aquelle a que nos referimos, e que, a titulo de projecto sobre caça, representa o seu monopolio, a sua restricção autocratica.

Queremos o respeito pelo defezo — a conservação e o augmento da caça —; para isso temos pugnado sincera e justamente, e d'esse trabalho temos colhido fructos. Mas, o que não queremos é que se aniquilem todas as liberdades, que se tire o pão a muitos, que se desviem para o vicio que mata o corpo e o espirito, aquelles que, na hora de ocio dos seus raros dias de folga, possam ter na caça o seu bom e justo passatempo.

Assim, senhores, admittindo as bases principaes do projecto, o regimen do coutamento, a prohibição absoluta do furto, e da caça das codornizes, nos termos que no mesmo projecto se indica, o mesmo era que permittir o que estamos combatendo.

Não pôdem justificar-se estas e outras disposições, embora de menor alcance, como as dos artigos 6.º, 14.º, 18.º, 33.º, 42.º, 45.º e outros, do

projecto em discussão, taes como os artigos 12.º, 13.º, 36.º, etc.

Muito, senhores, se podia e devia fazer com a lei actualmente em vigor, quando bem cumprida e bem respeitada. E, bem o mostra, srs. deputados da nação, o que se tem dado depois da criação das associações de caça na capital do reino e outros pontos do paiz; em muito maior quantidade se tem ella produzido e muito menores teem sido as infracções da lei. E' certo, senhores, que muito importa:

1.º Que se unifique o periodo do defezo para evitar desigualdades que existem, e para corresponder ás differenças climatericas que se dão no norte e sul do paiz, e que tanto influem na procreação;

2.º Que igualmente se unifiquem as penalidades e multas por transgressões;

3.º Que ainda igual unificação se faça quanto ás licenças para caça e porte de arma, reduzindo-as a taxa inferior á indicada no projecto;

4.º Que se regule a caça das codornizes, permittindo-a em determinados pontos e em determinado tempo, podendo esse tempo contar-se desde a formação da paveia;

5.º Que aos guardas das associações de caça (e esta é das mais urgentes providencias), e bem assim a todos aquelles que da sua fiscalisação forem encarregados, se deem plenos poderes para fazerem cumprir a lei, e para levantarem os respectivos autos que farão força em juizo até provar em contrario;

6.º Que se unifique o imposto sobre os cães, reduzindo-se a sua taxa no que diz respeito ao concelho de Lisboa.

Quanto, senhores, á conveniencia de adoptar os principios que expomos sobre os n.ºs 1.º, 2.º, 3.º, 5.º e 6.º, inutil é fazer quaesquer considerações, porque elles por si se impoem.

Quanto ao n.º 4.º, a excepção estabelecida para as codornizes, plenamente se justifica por ser caça de arribação, e assim deve ella ser permittida como deve ser para toda a caça d'esta especie. Acresce que, havendo muitos caçadores que apenas se dedicam a esta genero de caça, a sua prohibição, nos termos do projecto, daria uma grande diminuição de receita pela diminuição correspondente de licenças para caça e para cães

N'estes termos, senhores, os abaixo assignados, certos da sua justiça, e plenamente confiados no elevado criterio dos srs. deputados da nação, respeitosamente pedem:

1.º Que não seja approvedo o projecto a que vem de referir-se; e

2.º Que as disposições de caça em vigor e aquellas que os abaixo assignados indicam se codifiquem n'um só diploma convenientemente regulamentado.

Lisboa, casa da associação protectora de caça em tempo defezo, em 12 de julho de 1899. — A DIRECÇÃO — João D. Korth, José Thomaz Coelho, José Mendes Ferreira das Neves, Joaquim Mendes Neutel, Silvestre Castanheiro.

O CONSELHO FISCAL — José Joaquim d'Almeida, J. Daniel Wagner, Antonio Julio Machado Junior, Arthur Augusto d'Oliveira, Antonio Ferreira Fontes.

A proposito da lei de caça

O projecto definitivo, que já tem o parecer da commissão da camara dos srs. deputados, tambem não conseguiu agradar-me, por conter ainda penalidades e peias e esquisitices de mais.

Desde que o artigo 42.º prevê de remedio a possivel eventualidade de rarear qualquer especie de caça e que n'outros artigos se cohibem os abusos, não vejo motivos para que se vá tão longe nas penalidades e nas peias.

A respeito de coelhos, lebres e perdizes, o emprego da rede e das armadilhas acho que é bom que se prohiba e castigue.

No mais vejo zelo e excesso desmedidos, quando tudo se podia reduzir ao art. 34.º

Parece que os auctores do projecto teriam vontade de estatuir uma coisa assim:

«Art. ... Não se pode atirar ás perdizes no chão e aos coelhos e lebres parados ou na cama.»

«§ ... O caçador que atirar a qualquer peça de caça sem a ter levantado ou espantado primeiro, isto é, sem previamente, com a maior lealdade, humanidade e galhardia, lhe ter mandado o seu cartel de prevenção ou aviso, incorre na multa de 1000\$000 réis, paga por si ou seus descendentes até á 5.ª geração.»

«Art. ... Quem quiser caçar só o pode fazer no mar coalhado ou areias gordas. Cá em terra é só para os felizardos.»

Verdade é que seguiram passo a passo o outro projecto, só cortando tudo que dizia respeito a coutos e pondo de novo o § 2.º do art. 23.º

Mas vamos analysando.

O § unico do art. 11.º deve ser alterado para 12 ou 13 annos, em vez de 16.

Aos 12 ou 14 annos já eu caçava, e talvez melhor que hoje aos 40.

O art. 12.º não me agrada porque não é liberal. — Se é porque os homens, como fiscoes da lei, teriam que fiscalisar-se a si proprios, em igualdade de circumstancias estão as outras personalidades de que tratam os art. 39.º e 40.º

Com respeito ao art. 14.º, para evitar gracinhas, ao caçador deve caber tambem o direito de exigir ao fiscal a apresentação do seu diploma, quando por falta de distinctivo não reconhecer que é auctoridade.

O art. 15.º, § 2.º deve ser modificado na penalidade para 4\$000 réis.

O n.º 3.º do art. 17.º devia ser assim concebido:

«É permitido caçar nos terrenos particulares ainda quando vedados por sebe, arame, valia, vallado ou alcórca. — Exceptuam-se os terrenos cultivados ou murados com muro de pelo menos 1 metro d'altura ou vedados por meio de ripado de 0^m,90 d'alto.»

Do § 1.º do art. 22.º entendo que os responsaveis são só os caçadores que fizeram o damno e nunca aquelles que, embora pertencendo ao mesmo grupo, não fizeram damno algum, nem penetraram na propriedade (?)

Art.º 23.º A veda para o coelho devia começar em 1 ou 15 de fevereiro e terminar respectivamente mais cedo.

Isto porque em fevereiro já se estraga muita creação.

A veda da perdiz tambem podia terminar em 31 de julho, impendendo sempre ao caçador o dever de nunca atirar á perdiz que não estivesse feita.

O § 2.º do art. 23.º (adicionado pela commissão) devia ser assim:

«Depois de 15 de junho pôde-se caçar ás codornizes, rôlas, patos e outras aves d'arribação.»

Os §§ 1.º e 3.º do art.º 29.º são um excessosito, mas podem passar. A lealdade e a magnanimidade sempre me mereceram a maior consideração e respeito.

O art. 32.º, com relação á maioria da passara-da, é uma pieguice.

Os rabilongos (se são umas aves d'um genero parecido com a pega) podem-se caçar pelo § unico do art.º 26.º

Se não são, e ha mais aves com aquelle nome, então só não pôde valer uma exposição ornithologica, onde se aprenda a conhecer as qualidades interditas.

Na outra Banda andam os rabilongos aos grupos de centos, invadindo os laranjeas e estragando as laranjas. Alguns donos de pomares já me tem pedido que mate aquellas aves damninhas. Como é, pois, que estes as consideram novicias e no projecto são tidas como uteis?

Aves minas, como a sômbria (petinha), o boizito (fuiinho), o mosquêto (papa-moscas ou mosqueiro), a calva ou giralva (caiada), a russa (toutinegra), a rabêta (rábi-ruivo), o rouxinol, etc., muitas vezes vão cair na armadilha que lhes não era destinada. Na costella, como ficam vivas, ainda se lhe pôde fazer retomar a liberdade, mas no costello e costillo que as matam logo ou pouco depois?

Mas a maioria d'essas aves, mais os taralhões, os tanjasnos, as fusolas e os piscos são caçados nas provincias desde o meado d'agosto ao meado d'outubro, por meio das taes costellas, costellos e costillos, empregando-se n'essa faina pelo menos nos dias sanctificados, quasi todos os homens e rapazes.

Taes aves (dentrostros) são saborosissimas e, na sua maioria, d'arribação, e não criam cá 10 paiz.

De que servirá pois, a lei prohibir a caça d'ellas se ali ninguém acatará similhante determinação? O uso faz lei, e o uso é de tempos immemoriaes.

Como aves d'arribação, e porque muitas não são lá conhecidas pelos nomes que lhes dá o projecto, podem-nas continuar a caçar pelo § 2.º do art. 23.º

Mas é preciso aclarar bem a lei por causa das... duvidas.

Proximo de Lisboa ficam os pobres passari-nheiros inibidos de se divertir e de ganhar alguns vintens, o que é duro e desnecessario n'um paiz de passara-da como o nosso.

Não seria talvez melhor exigir-lhes um pequeno imposto e barataessem mais as licenças de caça, que ainda estão pesadas, tanto para os caçadores de Lisboa, que têm de fazer grandes despesas para se transportarem aonde ha caça, como para os da provincia onde o dinheiro não abunda e a caça pouco rende, quando vendida?

O art. 41.º dá as honras de armas da guerra ás modestas caçadeiras, mas... pôde passar.

O capitulo VIII é todo cheio de penalidades e peias, pesadissimas e quasi desnecessarias. Deve ser modificado n'um sentido mais liberal; por exemplo:

«Art. 51.º Incorre na multa de 6 a 10 mil réis aquelle que caçar caça *defesa* ou *interdita*.»

«Art. 52.º Iguualmente quem infringir o art. 27.º»

O n.º 4.º da art. 52.º parece que se deve referir ao art. 25.º

O n.º 6 do art. 53.º devia referir-se ao caçador que *caçar* sem licença do dono ou de quem o representa, em predio murado com muro de mais de um metro d'altura ou vedado por meio de ripado de pelo menos 0^m,90

O n.º 1.º do art. 55.º deve ficar prejudicado, assim como o art. 32.

E com mais uns retoques liberaes em outros artigos ficaria um projecto razoavel.

Eis a traços rapidos o que me suggeriu a leitura do projecto.

Agora uma explicação.
Eu sou d'aquelles que se dão bem com os longos e hygienicos passeios venatorios, embora fraco atirador, pois que na minha vida apenas umas quatro vezes consegui fazer *double* ás perdzes.

Profundo observador das leis e praxes, incapaz de commetter imprudencias, cuidadoso em não estragar renovos ou plantas uteis, quizera ter a liberdade de sempre que me appetecesse correr *Sica e Mesa* armado em caçador; e, onde me perdesse ou desorientasse, poder transpôr qualquer propriedade, mesmo vedada a fim de endireitar caminho ou orientar-me.

E por isso, mesmo no tempo defezo, eu desejava, a pretexto de caçar qualquer coisa que fosse permitida, percorrer montes e valles n'uma distracção agradabilissima que que só a caça me fornecesse.

Lisboa, 12 de Agosto de 1899.

JOSÉ MENDES DE GOUVEIA.

P. S. Em tempo de calóres como os que vão correndo, que fazem o caçador em salada e estragam a caça que com custo e grande sacrificio se mata, não faria mal que a veda se prolongasse até fins de setembro.

GOUVEIA.

Associação dos Caçadores Portuguezes

DIRECÇÃO

Sessão em 23 de agosto de 1899

Estando presentes os srs. dr. José Paulo Monteiro Cancellia, presidente, Luiz Wasa Cesar de Andrade, vice presidente, Victorino da Silva Almada Junior, thesoureiro, João P. Fernandes e Antonio Lino, vogaes, e José Alves Ribeiro Troni, secretario, foi aberta a sessão ás 10 horas da noite.

O sr. presidente propôz para ordem da noite o tratar-se da installação definitiva do canil da associação, foi resolvido que o sr. Wasa d'Andrade ficasse auctorisado a contratar o arrendamento d'um terreno adequado a esse fim.

Não havendo outro assumpto a tratar o sr. presidente levantou a sessão.

O secretario

J. TRONI.

Canil

As cadellas *Bett of Meirelbeke* e *Bliss of Meirelbeke* cujas fotografuras no nosso collega *A Caça*, publicou no seu primeiro numero de 15 do mez findo, são propriedade da *Associação dos Caçadores Portuguezes*.

O primeiro d'estes animaes *deu á luz* no dia II de agosto findo, uma ninhada de sete magnificos exemplares; sendo cinco machos e duas femeas. Em seguida damos os nomes dos caçadores que antecipadamente, tinham requisitado os cachorros á direcção da associação: srs. Victorino Almada, dr. Paulo Cancellia, Marquez do Fayal, conselheiro Agostinho Velho, Arthur Vasques e Antonio Izidro Marques.

A cadella *Bliss* está proximo a ter tambem uma ninhada de cachorros, como

pretendentes a estes, já estão inscriptos os srs. dr. Matheus Pereira Pinto e Abel Pereira Pinto.

E' um relevantissimo serviço que a associação presta aos caçadores, e ao apuramento das raças caninas, que em o nosso paiz chegaram á ultima miseria.

Club dos Caçadores do Porto

(Continuado do n.º 165)

Escola de tiro

«A caça foi-se! A caça, para os genuinos caçadores, está em remanso por espaço de seis meses! Mas, em compensação para aquelles que têm verdadeira predilecção pelo manejo da espingarda, pelos exercicios de tiro de toda a especie, a nossa Escola de Tiro lá está, na pittoresca Quinta de Salgueiros, com os seus pombos e os seus pardaes, com as suas espheras e os seus balões, com seus vidros e os seus pratos, com os seus tiros simples e d'emenda, com os seus tiros duplos, com o seu tiro á bala, com tudo, finalmente, que ha de melhor, que ha de mais bello, que ha de mais divertido e instructivo para o dedicado caçador!

Que melhor distracção poderá encontrar o amator da caça, o apaixonado da espingarda, no tempo em que lhe é vedado entregar-se a excursões cynegeticas, do que aquella que lha offerece a nossa Escola de Tiro, que elle entre nos uteis e agradaveis exercicios que n'ella se realisam, quer os presencie apenas como mero espectador? Que melhor distracção, que melhor passatempo, que exercicio mais util, mais salutar, mais inoffensivo e mais nobre poder proporcionar-se ao caçador no tempo da *defeza* do que o exercicio de tiro aos pombos ou qualquer outro em que tenha, para exhibil-o, de fazer uso da espingarda?

Alli, na Escola, a par dos tiros d'exercicio, tem o caçador os tiros de phantasia, os tiros bonitos, os tiros extravagantes, que todos são, por fim, tiros que tanto servem para deleitar o espirito como para esclarecel-o e instruil-o.

Alli, na Escola, tem a convivencia dos seus confrades, a palestra sobre caça e tiro, o sol vivicante que lhe inocula a vitalidade e a sombra consoladora que lhe refresca o sangue.

Alli, na Escola, respira-se o ar puro, o ar benéfico dos pinheiros, goza-se o vasto horizonte e formoso panorama que se estende da Quinta até ao mar, e, simultaneamente, desfructam-se diversas e engraçadas peripicias que, de quando em quando, se entremeciam com os exercicios de tiro.

Mas a grande utilidade da nossa Escola, o seu principal valor, está n'aquillo que o não deixa descaçar-se na certeza e rapidez da sua pontaria.

«Usa e serás mestre» — lá diz o velho dictado — e na verdade o caçador inexperiente, preso no manejo da espingarda, indeciso, dotado de pouco sangue-frio, incerto nas regras d'apontar, alli, na Escola de Tiro, teimando com applicação, attentando bem no que fazem os mestres, os experimentados, — usando, finalmente, mas usando com vontade de saber, com verdadeira dedicação, — o caçador inexperiente, transforma-se necessariamente n'um verdadeiro mestre, se a indole e caracter que possui não forem incompativeis com essa qualidade superior.

Os perfeitos caçadores, esses mesmos, têm muito a lucrar com o uso que alli fazem das suas armas: não as extranham tanto, nos primeiros dias da caça, como quando estão sem lhes pegar durante o *defezo* inteiro.

O tiro aos pombos, especialmente, pelas relações de semelhança que existem entre elle e o tiro á perdiz, é, para todos os caçadores, quer sejam mestres, quer discipulos, d'uma vantagem incontestavel.

E' reduzido o nosso tiro á bala e oxalá que tivessesmos na nossa Escola terreno em condições de podermos prolongar a respectiva carreira até á distancia necessaria; contentamo-nos, contudo, com a que temos, que, para caçadores, sofrivelmente pode ir remedando.

Não necessita o caçador de saber manejar sómente uma espingarda, de saber sómente carregar um tiro para a caça miuda; o caçador, para ser completo, precisa igualmente de saber como deve fazer uso d'uma clavina, d'um revolver, e, ao menos, como deve haver-se com a sua caçadeira ao deparar-se-lhe a necessidade de ter de fazer com ella o tiro á bala. Pois apesar de não haver nenhum que ignore tudo isto, ha ainda muitos, mas muitos, que nunca dispararam um revolver, uma clavina, que nunca se importaram sequer d'alvejar á bala a sua arma e que não sabem, mesmo, como se carregam estes tiros!

Dizendo isto, é nosso fim incitar os caçadores aos exercícios de tiro à bala, cujo conhecimento é, sob todos os pontos de vista, da maior utilidade.

Este anno, por falta de numero. não se effectuaram os concursos de tiro à clavina de pequeno alcance, revolver e pistola, e o proprio concurso de tiro à clavina de grande alcance relativo effectuou-se com o numero estritamente necessario. Como ides ver pelos mapps que se seguem, teve diminutissima concorrencia o concurso de selecção d'aptidões por categorias, cujos premios se distribuiram — um para o melhor atirador pertencente ao grupo dos classificados em primeira classe, outro para o mais distincto do bando dos classificados em segunda — ; e o proprio concurso de tiro a chumbo, pelo numero d'atiradores que n'elle tomaram parte, não pôde dizer-se que foi realiado com numerosos contendores.

A quantidade d'atiradores que frequentaram a nossa Escola foi de 74, sendo de 91 a do anno anterior. Alvejaram-se este anno 1083 pombos, 1443 pardaes, 1076 vidros, 1969 esferas, 1260 balões e 258 pratos: mais 24 pratos e 354 vidros do que no anno antecedente, mas menos 181 balões, 1297 esferas, 1493 passaros e 185 pombos. Dispararam-se no anno anterior 9867 tiros simples; este anno, 6777. Foi de 1422 o numero de tiros de bala que se fizeram no anno antecedente; e foi de 1590 o dos que fizeram este anno: apesar de sómente se atirar à clavina de grande alcance relativo no anno da nossa gerencia, houve um augmento de 168 tiros de bala, que pouco ou nada quer dizer. Resumindo: A totalidade dos alvos utilizados este anno, não entrando os de bala, foi de 7089, sendo no anno que procedeu este de 9867 ou mais 2778. Tiros totaes este anno, entrando os de bala, dispararam-se 9792; e no anno precedente, 11289 ou mais 1497. E' verdade que no anno anterior effectuou-se o *concurso nacional*, em que se empregaram 1000 alvos e se dispararam 1000 tiros; mas, mesmo que metamos em linha de conta esses tiros e esses alvos, teremos ainda n'estes, este anno, para menos, 497, e n'aquelles, nos alvos, 1775.

Com a diminuição d'estes alvos e d'estes tiros, liga-se a diminuição do entusiasmo pelos exercicios que na nossa escola se praticam; oxalá pois, que para a epocha futura, que em breve vae ter o seu principio, se transforme em grande augmento a diminuição dos tiros e dos alvos, para que cresça, tambem, o entusiasmo, entre nós, por um dos melhores exercicios, como é o tiro ao alvo.

VELOCIPEDIA

O freio obrigatorio — Bicicleta nautica — Nova machina velocipedica — Corridas — Desafios e apostas — Varias noticias.

Nos tribunaes inglezes foi julgado recentemente um cyclista que atropellara uma mulher; tendo-se, porém, reconhecido que o desastre fôra devido sómente a imprudencia da victima, o jury absolveu o accusado.

Entretanto, como se desse a circumstancia de não ir munida de freio, na occasião do atropellamento, a machina que o cyclista montava, o juiz manifestou em sua sentença a opinião de que se devia tornar obrigatoria a adaptação do freio a todas as machinas destinadas a circular em suas ruas e estradas publicas.

Tratando d'este caso, o periodico cyclista inglez *Bicycling News* applaude a opinião do juiz, e escreve a tal respeito:

«Se fosse posta em vigor, uma disposição legal n'esse sentido seria acolhida satisfatoriamente por todos os cyclistas rasoaveis. Por mais habéis que seja, ha circumstancias em que só o freio vos poderá evitar accidentes graves.

«Não se pôde conceber qual seja a origem da forte opposição que o freio encontra em grande numero de cyclistas, sobretudo os jovens, e havendo, como ha, excellentes freios.

«O homem que emprehe uma excursão em bicycleta sem freio, é um louco sem contemplação pelos outros e menos ainda por si proprio.

«Devia pois ser obrigatorio o uso do freio, pela mesma razão porque a lanterna o é durante a noite.»

Inteiramente de accôrdo com a opinião do periodico inglez citado, entendemos tambem que o uso do freio nos velocipedes devia ser obrigatorio em todos os paizes, pois só assim se conseguiria o fim desejado. Na extincta *Bicycleta* tentámos, em varios artigos, demonstrar, com bons argumentos e copiosa citação de factos, a indispensabilidade do freio nas machinas velocipedicas; mas isso só nos serviu para melhor nos convencermos de que os conselhos da experiencia e do bom senso, de nenhum modo se incutem no espirito d'aquelles a quem domina exclusivamente uma vaidade irritante e ridicula.

Parece estar finalmente inventada a bicycleta nautica. Consiste esse invento n'uma bicycleta ordinaria, assente n'um apparelho cuja parte principal se compõe de dois fluctuadores em fórma de charuto, de 2 m. 50 a 3 metros de comprimento, e cheios como os pneumáticos. Os pedaes da bicycleta communicam o movimento, por meio de uma engrenagem, a uma pequena helice de aluminio collocada entre os dois fluctuadores, e que serve egualmente para a direcção. Para este fim é ligada por dois arames ao garfo da bicycleta. Todo este apparelho se dobra e reduz a um diminuto volume, que se fixa no guidador, servindo assim a bicycleta para andar por terra. Este invento parece-nos bastante engenhoso e informam os jornaes que a elle se referem que tem dado excellentes resultados, nas experiencias a que tem sido submettido.

Em Chicago exhibiu-se ultimamente uma nova machina velocipedica denominada *freak*. Esta machina, segundo a descripção que temos presente, assemelha-se a um *tandem*, com a differença de, no lugar da primeira sella, ter uma almofada, ao passo que a sella está no ponto intermedio

das duas sellas de um *tandem* regular. Quanto ao mais é perfeitamente uma bicycleta, com uma só cadeia e duas rodas dentadas. O corredor deita-se sobre a machina, com o peito apoiado na almofada, e os pés nos pedaes, que lhe ficam na retcaguada, como se fossem para o segundo de um *tandem*. N'esta curiosa machina o corredor Phillips, treinado por duas tripletas, cobriu a milha em 1 m. 56 s. habendo os treinadores. Em vista de semelhante resultado Phillips, está decidido a servir-se do seu *freak* em todas as corridas em que tomar parte. Entretanto, pela descripção feita, ninguem de certo duvidará de que a nova machina só poderá servir para exhibições acrobaticas. Montado, ou antes, deitado sobre ella, o cyclista — informa o jornal d'onde extractamos esta noticia — toma a posição de um nadador, e quando em andamento dir-se-hia que vae nadando com os pés.

No Parc des Princes, de Paris, effectuouse, de 13 a 15 d'agosto ultimo, uma corrida de tres dias a tres horas por dia, com premios de 2.500, 1.500, 1.200, 800, e 400 francos aos vencedores. A classificação final, relativa ao percurso total dos tres dias, foi a seguinte:

1.º Champion	456 kil.	010 m.
2.º Bor.	436 »	279 »
3.º Marius Thé.	435 »	076 »
4.º Baugé	431 »	177 »
5.º Digeon	418 »	503 »
6.º Muller	407 »	758 »

Os campeonatos do mundo de Montreal (Canadá) deram este anno os seguintes resultados:

O da milha, amadores, que pertencia ao allemão Paul Albert, foi ganho pelo inglez Summersgill, em 5 m. 43 s. $\frac{2}{5}$; o dos 100 kilometros, tambem para amadores, ganhou-o Nelson (americano) em 2 h. 4 m. 13 s. $\frac{1}{5}$; no da milha (profissionais), ficou vencedor Major Taylor em 3 m. 3 s. Este ultimo, porém, recusou-se a tomar parte n'um match com o campeão amator para o estabelecimento do campeonato unico, por não lhe darem 150 dollars que exigia para esse fim. Por tal motivo Summersgill fez *walk over*, cobrindo a milha em 2 m. 18 s. $\frac{3}{5}$. O campeonato de 100 kilometros (profissionais) foi ganho por Gibson em 2 h. 15 m. 12 s. No ponto de vista sportivo, estes campeonatos deixaram muito a desejar.

Os campeonatos da Hollanda foram ganhos: — o de velocidade, 1.000 metros, por Henry Meyers, o de 50 kilometros com treinadores por Vander Knoop. Ignoramos o tempo do primeiro; o do segundo foi de 59 m. 29 s. $\frac{2}{5}$.

Os campeonatos de 1 kilometro belgas foram ganhos: o de amadores por Trelb em 2 m. 3 s., o de profissionais por Groëna em 1 m. 30 s. $\frac{3}{5}$.

N'um match de 100 kilometros entre Taylor e Palmer, em Amsterdam, o primeiro d'estes corredores ficou victorioso, cobrindo a distancia em 2 h. 2 m. 27 s. $\frac{2}{5}$.

No *Grand Prix* de Charlottenlund (Dinamarca) Bourrillon foi batido pelo campeão dinamarquez Ellegaard, o que valeu a este as mais phreneticas ovações do publico.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. Hercília Muaze

A galeria do *Tiro Civil*, tendo já publicado os retratos de alguns dos membros da familia Muaze que mais se tam notabilizado na pratica dos *sports*, insere hoje com muito gosto o de D. Hercília Muaze.

Por todos os motivos se nos impõe esta homenagem justissima.

A familia Muaze tem fornecido ao *sport* nacional elementos deveras valiosos, e difficil seria dizer qual é o *sport* que lhe merece mais predileção, ou aquelle em que mais se distingue, porque a todos tem prestado verdadeiro culto.

Nos concursos de tiro, nas corridas de bicycletas e ainda outros certamens, o nome Muaze occupa de ha muito um lugar de honra.

A gentil cyclista D. Hercília Muaze é, como seus irmãos, afeiçoadissima aos *sports*, e, contando apenas 12 annos, tem, apesar d'isso, uma educação das mais completas, como não é muito facil ver ministrar no nosso paiz ás meninas, que recebem em geral uma educação acanhadissima.

A D. Hercília Muaze pertence o lugar de honra entre as senhoras cyclistas do Porto, porque foi a primeira que n'esta cidade andou em bicycleta.

Apesar da sua pouca idade, é dotada de um entusiasmo nada vulgar, e de uma resistencia que lhe permite realisar com seus irmãos excursões que fazem admirar os que tem o prazer de acompanhá-la.

PEDAL CHICO.

O campeonato da Europa, corrido em Colonia em 20 d'agosto ultimo, foi ganho por Huber.

N'um match corrido em Londres entre Bonhours e Palmer, na distancia de 100 kilometros, ficou vencedor Bonhours, que se revelou manifestamente superior ao seu adversario, cobrindo os 100 kilometros no tempo fabuloso de 1 h. 48 m. 50 s. $\frac{3}{5}$. Os espectadores d'esta lucta, em numero de 60.000, applaudiram delirantemente o corredor francez.

Em Boston Tom Linton cobriu n'uma hora 56 kil. 245 m. (recorde americano.)

N'um match de uma hora, corrido em Berlim, entre Bonhours Kœcher e Lesna, ficou vencedor Bonhours, com 54 kil. 511 m., sendo o 2.º Kœcher, a 85 metros de distancia, e o 3.º Lesna a 1.730 metros.

Em Calais, em 20 d'agosto, match de 100 kilometros entre Huret e Bonhours. Vencedor este ultimo, em 1 h. 58 m. 21 s. $\frac{4}{5}$.

O recorde da hora em tandem, que ha tres annos pertencia aos amadores Pinson e Pruneyre, foi batido no Parc des Princes por Fossier e Vanoni, os quaes cobriram na hora 42 kil. 143 m. (antigo recorde 40 kil. 524 m.)

O corredor inglez Hale propoz-se percorrer durante um anno a fio, em bicycleta, 100 milhas ou 161 kilometros por dia, com excepção apenas dos domingos.

Egual tentativa foi já feita pelo americano Edward, o qual, entretanto, só chegou a realisar dois terços da sua tarefa, por ter sido atacado de uma violenta febre nos arredores de Minneapolis. O inglez Hale é dotado de excepcionaes condições de vigor e resistencia, o que leva a crer que conseguirá o seu proposito. Ha muitos dias já que elle encetou o seu treinamento forçado, n'uma machina com freio e guardalama, do peso approximado de 15 kilogrammas, e com o desenvolvimento de 6 metros e meio, o que é realmente excessivo para semelhante empresa.

Miss Jackson, ingleza riquissima e cyclista entusiasta, residente em Paris, passeando ha tempos na sua bicycleta, abalroou, por virtude de errada manobra, com um fiacre que estacionava no boulevard Montmartre. O resultado do desastre foi miss Jackson dar um monumental trambulhão, ferir-se gravemente e espantar a machina que montava. Apenas se apanhou restabelecida, a ingleza — mulher essencialmente pratica como todos os seus compatriotas — a primeira coisa de que tratou foi de dirigir-se ao commissariado de policia com a seguinte nota de indemnisação, cuja importancia pretendia que o commissario mencionasse no processo verbal do accidente, a fim de ser reclamada do cocheiro do fiacre:

Visitas medicas	1.600 francos
Medicamentos	633 >
Fato	400 >
Bicycleta	1.200 >
Tempo perdido	5.000 >
Commoções	25.000 >
Gratificação	o fr. 25

Deveras surprehendido, o commissario aconselhou a dama a que se entendesse com um advogado.

O que ha de mais curioso, na nota acima transcripta, é a extravagante miss avaliar em 25.000 francos as suas commoções, e apenas em 25 centimos a gratificação a pessoa que lhe conduziu a bicycleta partida!

N'uma corrida em Montbéliard o corredor Hupert foi victima de um desastre.

Os cabelos excessivamente compridos que elle usa cahiram-lhe sobre os olhos, impedindo-o de ver, de modo que, tendo ultrapassado o poste de chegada, continuou na carreira, e foi bater em cheio na barreira que separa as tribunas da pista, ficando muito ferido e contuso. Abaixo as ganforinas, srs. cyclistas!

O novo regulamento, posto em vigor na Belgica, e relativo á policia da circulação, prohibe aos cyclistas andarem pelas ruas sem as mãos no guidão, ou com os pedaes abandonados. Egualmente prohibe as corridas em estrada sem previa auctorisação superior.

Duas damas inglezas, as sr.^{as} Murray Rolland, mãe e filha, effectuaram a viagem de Monte-Carlo a Genova em tricyclos, levando cada uma a bagatella de 30 kilogrammas de bagagem.

Duas raparigas de New-Jersey disputavam a posse do mesmo homem, que pelos modos se conservava tão indeciso entre ellas como o faminto burro do philosopho entre as duas rações de cevada. — N'estas circumstancias as pretendentes resolveram, de commum accordo, derimir a contenda por uma fórma pratica e perfeitamente moderna — uma corrida de bicycletas. Dito e feito. E a corrida foi disputada com um ardor tão lisonjeiro para o feliz pretendido, que a vencedora cobriu os 5 kilometros de distancia em 4' 30".

Se, como em todas as corridas, havia no ponto de partida um *starter*, no da chegada estava um padre que «in continenti» entregou á vencedora o premio, unindo-a matrimonialmente ao disputado noivo.

Decididamente os americanos são inexgotaveis em canardos?

No dia 20 d'Agosto realiso-se um passeio velocipedico promovido pelo sr. José d'Almeida, proprietario da officina de reparação de bicycletas á rua da Boa Vista. O itinerario foi de Cacialhas á Moita e regresso ao Barreiro.

A *Semana sportiva*, excellent hebdomadario do Rio de Janeiro, insere no seu numero de 29 de julho ultimo a seguinte noticia, que transcrevemos por se referir a um cyclistta nosso compatriota, que tão conhecido se tornou entre nós:

«Reservadamente podemos asseverar que ficou concluido um *match* entre o campeão paulista Osmond e o ex-campeão de Portugal José d'Orey, que ha pouco se acha entre nós, *match* que se realisar á aqui a um mez. Teremos pois o prazer de apreciar uma lucta de gigantes. A distancia é de 2.000 m. em duas provas e uma *negra*, caso haja empate.»

MAGALHÃES FONSECA.

Porto

29 de agosto de 1899.

O assumpto palpitante mais em discussão tem sido a victoria que o notavel campeão portuense, Antonio Lopes, alcançou nas corridas velocipedicas em Vianna do Castello sobre o celebre cyclista José Bento Pessoa.

Assistimos ao notavel certamen, mas antes de nos occuparmos d'elle diremos duas palavras sobre o velodromo em que se realiso a notavel festa.

Occupava a nova pista o local onde se improvisava a antiga, sendo o terreno generosamente cedido pelo governo ao Club de Caçadores e Sport Club, d'aquella cidade.

Desnecessario é encarecer aqui os meritos dos cavalheiros que se encontram á testa d'aquellas duas, hoje importantes, sociedades, devendo contudo especialisar o nosso amigo sr. Luiz Trigueiros, a cuja actividade e zelo se deve em grande parte a realisação d'estas corridas e as obras do notavel velodromo.

Construido de cimento Portland, tem a pista 280^m e os *relevés* 50 $\frac{9}{10}$.

Está guarnecido de espaçoes bancadas para o publico com uma magnifica tribuna, podendo muito á vontade comportar 2.000 pessoas.

Na pelouse, que ainda está em conclusão, tencionam aquellas sociedades estabelecer uma carreira de tiro, *cours de lawn tennis* e outros jogos athleticos.

Para presenciar as corridas accudiram á agradável cidade do Minho muitas pessoas de todas as partes da provincia e muitos cyclistas, especialmente do Porto.

Era geral a anciedade do publico para ver a lucta entre os dois famosos campeões, e apesar de á mesma hora se realisar uma corrida de

touros na praça contigua ao velodromo, achava-se este completamente cheio.

Ás 4 horas e meia deu-se principio ás corridas cujo programma já foi publicado em o numero anterior d'esta revista.

Na primeira corrida (preparatoria) tomaram parte 5 corredores, sahindo vencedor o sr. Antonio Ferreira Real por uma distancia respeitavel.

Na segunda (local) os srs. Augusto Ferreira em 1.º e o sr. Araujo Mimoso em 2.º lugar.

Para a terceira appareceu José Bento Pessoa, Antonio Lopes e Antonio Real.

Tirados os numeros de ordem ficam: A. Real na corda, no meio José Bento Pessoa tendo a seu lado Antonio Lopes.

Durante a corrida conservam-se em linha pela ordem indicada.

Nada de notavel até á 18.ª volta, em que os tres competidores comecam a medir realmente as suas forças.

Em uma *emballage* formidavel largam os tres corredores, conseguindo Lopes tomar logo grande dianteira que em vão os seus competidores tentam recuperar.

Nas tribunas tudo de pé: a anciedade é enorme.

A sineta annuncia a ultima volta, e os corredores quasi conservam as mesmas distancias.

José Bento Pessoa e Antonio Real fazem um supremo esforço, não conseguindo passar Antonio Lopes, que ganha por meia roda a José Bento e por dois comprimentos a Antonio Real.

O publico faz uma delirante ovação que abrange os tres corredores, sendo Lopes levado da pista em triumpho.

A 4.ª corrida (districtal) muito bem disputada, ganhando Antonio Queiroz, que poderá fazer alguma cousa se se dedicar a corridas.

A 5.ª (velocidade) agradou muito.

Estavam inscriptos José Bento, Lopes, Real e Ferreira, mas só comparecem os tres ultimos, ganhando Antonio Lopes.

A 6.ª corrida (consolação) sem interesse.

A 8.ª (fitas) o que se pôde imaginar.

Havia algumas fitas esplendidas.

José Bento e Antonio Lopes desafiaram-se para um *match* que foi corrido domingo, 27, constando nos que José Bento Pessoa dera uma queda que o impossibilitou de continuar.

Terminando esta rapida resenha de uma festa que teve um brilhantismo como ha muito não viramos, felicitamos o Club de Caçadores de Vianna do Castello pelos importantes serviços que vae prestar ao sport com o seu magnifico velodromo. Ao Sport Club de Vianna e ao seu digno presidente sr. Luiz Trigueiros felicitamos pelo acerto com que dirigiram as corridas, cuja organização nada deixou a desejar, e aos distinctos cyclistas vianenses recommendamos que prestem o seu auxilio áquellas duas corporações, contribuindo assim todos para levantar um sport que tão decahido está entre nós.

PEDAL CHICO.

Sport Club do Pará

Com desusada e selecta concorrência realisa-se no dia 30 de julho as corridas que o Sport Club do Pará projectára, e cujo programma enviamos em 19 do passado.

Ás 4 horas da tarde foi dada sahida á 1.ª corrida, 1:225 metros, da qual foi vencedor José Prestes, seguido de João Ribeiro, magnifico segundo, no tempo de 2' 9" $\frac{3}{5}$.

2.ª corrida — *Campeonato do Pará* — 2:000 metros. 1.º Renato Savenay Ferreira; 2.º Delphim Guimarães Netto. Tempo, 3' 16" $\frac{1}{2}$.

3.ª corrida — 1:900 metros — 1.º Francisco Guimarães; 2.º Francisco R. Lopes. Tempo, 3' 29" $\frac{1}{5}$.

4.ª corrida — 2:450 metros — 1.º Augusto D. Lobato; 2.º Luiz D. Lobato. Tempo, 4' 44" $\frac{1}{5}$.

5.ª corrida — *Grande premio Sport Club* — 5:000 metros. — 1.º Gedeon Labourdenne; 2.º Manoel D. Lobato; 3.º Mario de Souza. Tempo, 9' 14" $\frac{1}{2}$.

6.ª corrida — *Campeonato Pedestre do Pará* — 500 metros. — 1.º Jacintho Sampaio Ferro; 2.º A. Dias. Tempo, 1' 7" $\frac{1}{2}$.

7.ª corrida — *Handicap* — 2:450 metros — 1.º Luiz D. Lobato; 2.º Augusto D. Lobato.

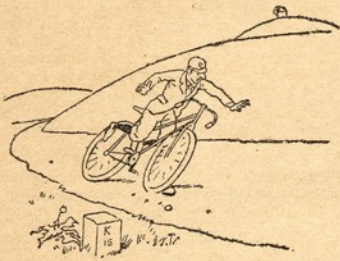
Cumpre-nos salientar a maneira como foram corridas as tres denominadas *Campeonato do Pará*, *Grande Premio Sport Club* e *Campeonato Pedestre do Pará*, nas quaes mais uma vez todos os competidores mostraram a sua valentia, disputando com ardor aquelles titulos. Um bravo aos vencedores.

No proximo dia 15 realisar á o S. C. P. umas novas corridas, as quaes serão sem duvida alguma mais um triumpho para este Club.

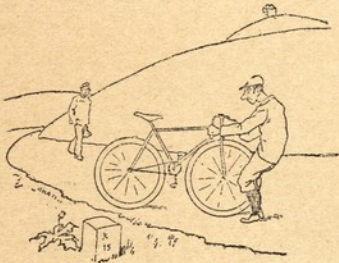
CYCLAMOUR,

Um cyclista infeliz

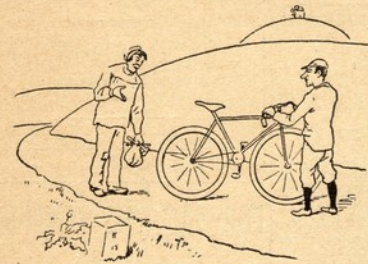
(HISTORIA ILLUSTRADA)



— Que caminho intransitavel!...
Eu não sou nenhum podão...
E' porém inevitavel
Dar aqui um trambalhão!



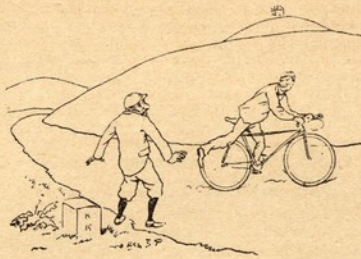
— Esta machina é um primor!
Apesar do grande abalo
Só soffreu no guiador...
Como hei-de eu endireital-o?



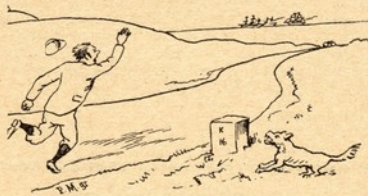
— Se deseja... eu sei do officio.
Concertar-lh'a posso já,
E n'um prompto, nem resquicio
Do desastre ella terá!



— Hein!... Que tal?... Que lhe parece?
Os effeitos da pancada
Veja lá se lh'os conhece?...
'Stá bella, desempennada!..



— A machina de vocencia
E' com certeza excellente,
E de grande resistencia...
Dá licença que a exp'rimente?



Vendo ao longe a bicycleta
Sente o dono calafrios...
E dentro em pouco o pateta
Só consegue... vêr navios!

M. F.

EXCURSÕES

A EXCURSÃO A ALEMQUER

DA

ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Realizou no dia 13 de agosto esta benemerita instituição mais uma d'essas notaveis visitas, de que os mais bellos resultados advem para a causa que ella tão intrepidamente defende: a propaganda pela instrução. No curto praso de tres annos tem a Academia de Estudos Livres visitado os Jeronymos, a Batalha, Thomar, Odivelles, e agora Alemquer, levando para esta ultima excursão, como objectivo, não só a visita dos monumentos historicos mas tambem a dos estabelecimentos fabrís que opulentam aquella laboriosa terra.

A visita á florescente villa de Alemquer foi importantissima sob os multiplices pontos de vista porque pôde ser encarada. E um facto significativo se deu que evidencia uma conquista formidavel da Academia; foi a adhesão da Camara Municipal d'Alemquer, recebendo em sessão solemne os excursionistas. Isto demonstra que já vamos longe, felizmente, dos tempos em que toda a propaganda, no genero da precunizada pela Academia de Estudos Livres, era encarada com a desconfiança propria de individuos circumspectos, nados e creados no horror das novidades em questões de instrução e educação.

Antigamente viajava-se por necessidade; hoje comprehende-se já que se deve tambem viajar para conhecer o paiz, as suas forças, o que elle tem de bello e de caracteristico, as suas tradições, os seus panoramas, os seus costumes... Hoje... é a Camara Municipal d'Alemquer, compenetrando-se do seu dever civico vindo receber de braços abertos, no atrio do seu palacio, que symbolisa a nobre villa, aquelles que vem de longe, trazidos pela ambição de colher alguns conhecimentos, de vêr aspectos novos da sua patria, ou simplesmente por desejo de recrear a vista pelos valles tão lindos, por encostas tão suaves, onde a vegetação é vigorosa, denunciando á fertilidade d'um solo abençoado.

E bello, com effeito, o aspecto d'Alemquer, deixando trepar a sua casaria alvissima por aquel-

las collinas abruptas, vencidas pelo suave zig-zag da estrada que vamos percorrendo.

Lá no alto, entreve-se já o senhoril palacio municipal, como que dominando sobranceiro, a villa, qual symbolo altivo do direito á autonomia baseada nas forças da industria e da agricultura, ali tão fortes e poderosas.

Mal se avista a nossa caravana, irrompe a foguejada, inevitavel manifestação d'alegria que tanto anima a raça portugueza.

Já deixámos á direita o primeiro perfil de fabrica, que aformoseia a paisagem, contrastando com o aspecto da verdura d'onde emerge.

Chegamos ao pequeno largo onde está o palacio municipal, grande e magestoso, imitação feliz da Camara de Lisboa.

Estamos agora, propriamente, no principio da nossa excursão.

Até aqui viemos guiados pelas impressões proprias, apenas apontadas no papel. D'aqui por diante seremos conduzidos pelos directores da visita que são os srs. dr. Francisco de Magalhães, sympathico presidente da Camara d'Alemquer e Francisco Paula e Mello, director da Academia.

A recepção na Camara

No largo tocava o hymno nacional uma nova philarmornica, que n'aquelle dia se estreava e que é exclusivamente composta por operarios da Companhia de Lanifícios de Alemquer.

A chegada dos excursionistas a varanda principal do edificio via-se reflecta de senhoras, das principaes familias da villa.

Os visitantes foram recebidos pelo corpo municipal na sua ampla sala de sessões, dando-lhes o dr. Francisco de Magalhães as boas vindas em nome da villa d'Alemquer, exaltando a obra da Academia e excitando-a a proseguir na sua tarefa de instruir e de educar o povo.

Respondeu-lhe o sr. Paula e Mello, agradecendo as palavras dirigidas á Academia e exaltando a patria de Damião de Goes e de Pero d'Alemquer.

O sr. Cesar da Silva, usando da palavra, recitou a seguinte poesia:

Á VILLA D'ALEMQUER

A ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

NO

Dia da sua excursão — 13 d'agosto de 1899

... Alemquer onde sou
O som das frescas aguas entre as pedras
Que murmurando lava....

CAMÕES — Lusitadas.

Formosa villa, deleitoso abrigo,
Em que a belleza co'o valor se allia,
Recebe o preto, que te dão, festivo
Teus visitantes n'este grande dia!

És rica e nobre, tens a tradição
De quanto é grande, de formoso e bello:
Desde os engenhos que riquezas dão,
Até ás torres d'esse teu castello!

Desde esses tempos medievos, duros,
Nos quaes a espada tinha só valor;
Até aos dias do progresso, puros,
Em que só reina o salutar labor!

Teus monumentos, senhoris ruinas,
Lembrança antiga da christá piedade,
Contrastam bellos com as officinas
Que te engrandecem na moderna idade!

No dia de hoje, como no passado,
Da galhardia tens o privilegio,
E mais te enleva teres o berço dado,
Ao Goes sublime, historiador egregio!

C. DA S.

Estes versos foram depois profusamente distribuidos pela sala e por toda a villa.

O sr. Pinheiro de Mello, presidente da Associação Commercial dos Logistas de Lisboa, e um dos excursionistas, expôz os fins que a Academia tinha em vista com as suas excursões, e referindo-se ao presidente da Camara enalteceu as suas brilhantes qualidades de intelligencia e estudo.

Por ultimo, fechou a serie de discursos o sr. dr. Francisco de Magalhães, agradecendo a todos os oradores a cooperação n'aquella festa de paz e de amizade. Houve então muitos vivas á Camara d'Alemquer, á Academia, e á Industria.

A philarmornica tocava n'uma das salas contiguas, no intervalo dos discursos.

No fim da sessão, as encantadoras filhinhas do sr. Henrique Campeão, director do jornal da

localidade *Damião de Goes*, distribuíram por todos os circunstantes o numero especial d'aquelle semanario dedicado á Academia de Estudos Livres, e brilhantemente collaborado por varios escriptores, á frente dos quaes se vêem os nomes de Henrique Campeão, Ramalho Ortigão e dr Bernardino Machado

Foi uma ideia gentilissima, applaudida por todos os que tiveram a felicidade de alcançar um numero do interessante jornal, cuja edição rapidamente se *exgotou* n'esse dia.

A igreja da Varzea e Damião de Goes

Finda que foi a visita ao mgstoso edificio da Camara, todos os excursionistas se dirigiram á igreja da Varzea, onde está sepultado o grande chronista de D. Manoel, Damião de Goes.

E' esta uma das figuras mais interessantes da litteratura nacional.

Apenas contando 9 annos de idade, Damião entra com dois de seus irmãos para o serviço do Paço de D. Manoel, onde se conserva até a morte d'este monarcha em 1521.

Dois annos depois, D. João III nomeia Damião de Goes escrivão de fazenda da feitoria de Flandres, indo viver o grande homem para Antuerpia, onde se conserva até 1529, sustentando activa correspondencia com o monarcha portuguez, que sempre o distinguia com a sua sincera amizade.

Vae depois á Hostelandia em negocios da corôa, e demora-se na volta em Wilna capital da Polonia. Passando pela universidade de Wuttenberg, trava ahi conhecimento com Luther, o celebre reformador da Igreja.

D. João III, em 1533, em carta do proprio punho, manda-o vir de Louvain á côrte para tomar posse do cargo de thesoureiro da casa da India. Veiu effectivamente Damião de Goes a Lisboa, mas soube esquivar-se á graça real, pedindo ao soberano que o dispensasse de tamanhas honras. Desejava continuar os seus estudos no estrangeiro.

Dirigiu-se depois á Allemanha e á Italia, onde frequentou a Universidade de Padua. A doença de Erasmo; grande philosopho, de quem era amigo, chama-o de novo á Allemanha em 1536. Erasmo morre-lhe nos braços.

Em 1538 volta a Flandres, onde casa com Joanna Hargen, descendente d'uma das mais illustres familias flamengas.

Damião de Goes fixou então a sua residencia em Louvain, cuja defeza em 1542 lhe foi confiada pelos estudantes por occasião da guerra entre Francisco I e Carlos V.

Louvain estava cercada por um poderoso exercito francez. Damião de Goes foi detido á falsa fé, quando se achava no arraial inimigo na ultimação de negociações de paz. Sofre prisão por 9 mezes, conseguindo afinal a liberdade á custa de resgate.

Damião de Goes estava então no apogeo da sua gloria. Toda a Europa culta respeitava o grande litterato portuguez.

Já elle em 1541 publicara em Paris uma obra em latim sobre a religião e costumes da Ethiopia, ou terra de Preste João, obra cuja venda fôra prohibida em Portugal pelo lanatico cardinal D. Henrique. O clero não podia vêr com bons olhos o amigo de Luther e de Erasmo, e foi esta a primeira pedra que lhe lançou, a primeira amostra d'um odio que havia mais tarde de explodir até levar uma victima ao execrando tribunal do Santo Officio.

A vida do grande alemquerense vae prender-se indissolvelmente á vida d'essa ignominiosa instituição, que em nome da fé exerceu a maior tyrannia e executou os mais abominaveis crimes.

Já dissemos que os monarchas portuguezes distinguiram sempre Damião de Goes com a sua amizade. Elles instam constantemente com elle para que accete honras merecidas; trocam correspondencia assidua, e em 1545 conseguem que Damião deixe a convivencia dos sabios estrangeiros e se acolha á patria

(Continúa).

J. G.

DIVERSAS

Conselheiro Eduardo Montufar Barreiros

Este nosso estimado amigo e assignante, que tinha ido ao estrangeiro, fazer uso de aguas, chegou ha cinco dias de volta da sua digressão. O sr. Montufar Barrei-

ros, é um dos mais illustres e distinctos caçadores da *velha guarda*, figurando em numerosas e esplendidas caçadas, das que então se faziam e que em nada se parecem com as de hoje.

Felicitemos pois o nosso illustre amigo pelo seu feliz regresso.

A Caça

Reccebemos o primeiro numero d'esta magnifica revista, correspondente a 15 de agosto findo. Tem por directores os nossos amigos e antigos collaboradores do *Tiro Civil* os srs dr. Paulo Cancellata e H. Anachoretta. Vem impresso em papel *cuchê*, e com muitas illustrações; a parte litteraria é muito cuidada.

Os nossos parabens aos nossos amigos e boas vindas e prosperidades ao novo collega.

A morte de Léo

Acaba de morrer em Londres um cão deveras notavel. Era um terra nova chamado *Léo* e pertencente ao hospital de mulheres e creanças.

Léo era popularissimo em Londres. A pelas ruas digno, altivo, majestoso, levando pendente do pescoço um pequeno mealheiro, por cuja abertura os transeuntes introduziam moedas de prata ou cobre.

Léo era o cão pedinte d'aquelle instituto de caridade. Só n'um mez chegou a cobrar 1000 libras de esmolas!

A princeza de Galles, sempre que se encontrava com o benemerito *Léo*, mandava parar a sua carruagem, affagava-o e entregava-lhe o seu obolo, que o cão recebia com manifestos signaes de reconhecimento, agitando alegremente a cauda.

Léo será substituido, na caritativa missão que desempenhava, por seu filho mais velho, sendo de esperar que em breve este se torne tão popular em Londres como seu fallecido pae.

CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a eguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.^a New York. America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanaes.

Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas *Espan-tas*.

CASA COLUMBIA

MODELS FOR 1897 READY

DEPT. OF MANUFACTURING CO
HARTFORD, CONN. U.S.A.

NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT
OR BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

Companhia Industrial Productora

DE

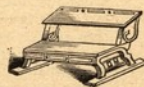
PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27

N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.



JOÃO VAZ DA COSTA

CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemfornoso, 148

LISBOA

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade Especialidade em café, lote, 720 réis o kilo Fructas nacionaes e estrangeiras Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41 LISBOA

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES

MACHINAS PARA COSER
DA FABRICA FABRIL
"SINGER"
DE NOVA YORK
PARA FAMILIAS E INDUSTRIAS

POR 500 RÉIS SEMANAES

105, Praça do Loreto, 107

LISBOA

Consultorio dentario Saturio Augusto Paiva

Cirurgião dentista pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA SANTA JUSTA, 60, 2.º

Consultas gratis aos pobres das 10 ás 11 da manhã